MEDIAÇÃO IMPERFEITA: A CONSCIÊNCIA COMO TAREFA EM PAUL RICOEUR

ADRIANE DA SILVA MACHADO MÖBBS[1]; NEIVA AFONSO OLIVEIRA[2.]
[1]*Universidade Federal de Pelotas – adrianemobbs@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – neivaafonsooliveira@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Trata-se de um estudo acerca da consciência para o filósofo Paul Ricoeur. Tem como escopo demostrar que este formula sua tese de que a mediação imperfeita não pode ser vista apenas como método, mas que ela representa a saída da imediaticidade da consciência através da mediação dela mesma. A categoria da mediação imperfeita demarca as condições de possibilidade de toda a discussão e de tratamento dos mais variados temas na obra do filósofo francês Paul Ricoeur. Entre esses mais variados temas, destaca-se aqui o tema da consciência e as possibilidades de uma compreensão de si. Em termos gerais, a categoria da mediação imperfeita se difere da dialética hegeliana que se define em termos absolutos. A advertência de Ricoeur, "resistir à tentação hegeliana", nos alerta que é necessário resistir a essa tentação que consiste em assumir Hegel para refutar Kant e a sua ideia de uma consciência originária. Para Ricoeur, a consciência não é origem (Kant) ou fundamento (Hegel), ela é *tarefa*.

2. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, no que se refere ao método e à forma de abordar o problema, optou-se pela pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e do tipo filosófica, que consiste na leitura, explicação de textos filosóficos e na proposta de reflexões e interpretações a partir desses textos, com o maior rigor possível. Cabe salientar que este é apenas um "recorte" de uma pesquisa maior e, que ainda está em andamento. Neste sentido, talvez algumas questões aqui apresentadas necessitem de um maior aprofundamento que será oportunamente realizado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Paul Ricoeur (1913-2005) é um filósofo francês contemporâneo e, por isso, talvez, seja muito influenciado pelas teorias e discussões filosóficas que caracterizaram o pensamento moderno e também a sua crise. Portanto, pode ser caracterizado, grosso modo, como "herdeiro da modernidade", o que não significa propriamente que ele tenha se tornado um seguidor incapaz de tecer críticas ao projeto moderno, ao contrário, mas, para além da crítica; ele se assume em vários momentos como um kantiano pós-hegeliano e um hegeliano pós-kantiano, de forma que procura apontar os momentos em que se deve seguir Kant e em quais momentos se deve seguir Hegel, bem como quando não se deve seguir nenhum dos dois.

O "projeto moderno" caracteriza-se, em linhas gerais, pela busca da fundamentação da possibilidade de conhecimento e das teorias científicas na análise da subjetividade do indivíduo (cf. STEGMÜLLER, 2012).

No período Moderno, a realidade é reduzida ao estatuto do objeto, tudo pode se tornar "objeto" e só é científico aquilo que pode ser transformado em objeto. O

sujeito é considerado um sujeito pensante dotado de uma estrutura cognitiva capaz de ter experiências sobre o real, portanto, o conhecimento e a ciência são modelos privilegiados de relação do homem com a realidade.

Ricoeur é bastante influenciado pela filosofia reflexiva e pela fenomenologia o que, talvez, explique a sua dificuldade em aceitar a imediaticidade do *Cogito* cartesiano, embora ele o aceite como uma evidência indubitável. Logo, para Ricoeur, não podemos fugir da descoberta que fez Descartes com o *Cogito*, que é: eu penso e existo enquanto penso.

O "projeto moderno" receberá algumas críticas e, como se sabe, desde os românticos, dá-se, o que se pode chamar de uma ruptura, tanto no racionalismo quanto no empirismo, com a temática da referência ao conhecimento e a ciência como modelos privilegiados de relação do homem com a realidade. Uma crítica a este projeto da modernidade se dá com relação à centralidade atribuída à noção de subjetividade nas tentativas de fundamentação do conhecimento apreendidas pelas teorias racionalistas e empiristas. Neste contexto, Hegel defende que a subjetividade, a consciência individual, é ela própria resultado de um processo histórico de formação e, por isso, não pode ser originária, estando no fundamento de nossa possibilidade de conhecer o real, de representar a realidade através dos nossos processos cognitivos (cf. MARCONDES, 2007).

É preciso salientar que, para Ricoeur, considerar que o *si* é existente e pensante não é o suficiente para caracterizar a reflexão. De acordo com ele, isso não demonstra e tampouco explica por que nós precisamos de um trabalho de decifração, uma exegese ou hermenêutica para compreensão de si. Conforme afirma: "este ponto não pode ser entendido enquanto a reflexão aparecer como um retorno à pretensa evidência da consciência imediata". E, isso porque a imediaticidade da consciência, do Cogito, não é capaz de esclarecer o que é a reflexão.

A reflexão, conforme a concebe Ricoeur, difere-se também daquele sentido dado ao termo por Hyppolite – "o absoluto é reflexão" –, mas, ela também não é intuição. Ela é um esforço para reaprender o ego do ego do Cogito, em seus objetos, em suas obras, e, por fim, em seus atos. E, isso é possível porque Ricoeur compreende que uma filosofia reflexiva é o contrário de uma filosofia do imediato. Acerca disso, ele afirma:

> [...] A primeira verdade – eu sou, eu penso – permanece tão abstrata e vazia quanto ela é invencível. Precisa ser "mediatizada" pelas representações, pelas ações, pelas obras, as instituições, os monumentos que a objetivam. (RICOEUR, CI, 1990, p. 321).

Portanto, ao considerar essa afirmação, não se pode afirmar que a filosofia reflexiva é uma filosofia da consciência, se ao se referir à consciêcia, se esteja considerando consciência imediata de si mesmo. Ela é tarefa e, portanto, precisa ser mediada, "mediatizada" pelas representações, pelas ações, etc., ou seja, pela alteridade e pela práxis humana. A consciência "é uma tarefa, díziamos mais acima, mas ela é uma tarefa porque ela não é um dado" (*Ibidem.)*.

Embora Ricoeur reconheça o mérito de Descartes, uma vez que é inegável que o si tem percepção de si mesmo e de seus atos, o que de certa forma é uma evidência; não é possível que o si duvide de sua existência sem se perceber duvidando, existindo e isso, portanto, é uma certeza. Para Kant, por sua vez, essa certeza é apenas uma apercepção do ego; e como apercepção de si ela pode acompanhar todas as representações do si, mas essa apercepção do si não é conhecimento de si mesmo e, ao seu turno, não pode ser transformada em

intuição. Logo, a reflexão não é intuição também (RICOEUR, CI, 1990, p. 321-322). O que faz Ricoeur, portanto, é colocar em oposição reflexão e intuição, ou seja, Kant contra Descartes.

Pode-se afirmar que a consciência é tarefa e, portanto, não é dada; sabe-se ainda, que ao duvidar da sua existência, o si se apercebe duvidando e isso é inegável; mas mesmo se apercebendo duvidando e, portanto, existindo – uma vez que é inconcebível que algo que pensa e duvida não exista –, ainda assim, isso é apenas uma certeza privada de verdade, mas isso é um sentimento, ou seja, o si sente que existe e que pensa, e Kant chamou isso de apercepção, mas para Ricoeur, apercepção não é conhecimento de si. Portanto, o que Kant faz, de acordo com Ricoeur, é afastar a reflexão do conhecimento de si.

Reflexão não é conhecimento de si, também não é intuição, mas também não pode ser associada a uma mera crítica do conhecimento. O que acaba por colocar Ricoeur na esteira de Fichte e Jean Nabert, ao afirmar que: “a reflexão é menos uma justificação da ciência e do dever, do que uma reapropriação do nosso esforço do existir” (Ibid. p. 322). Com certeza, a reflexão visa “igualar a minha experiência concreta à posição: *eu sou [...*] a posição do si não é um dado, é uma tarefa; ela não é *gegeben*, mas *aufgegeben*” (Ibid. p. 323, itálicos do autor).

A mediação, conforme propõe Ricoeur, não é somente um método, em sentido metodológico, de procedimento, apenas. Ela tem um caráter mais amplo, a saber: o sentido antropológico, como ação humana. E, neste sentido, é tomada por Ricoeur como símbolo, como texto, como ação e tradução. Portanto, não é possível pensar uma compreensão de si não seja mediada através de sinais, símbolos e textos, uma vez que como afirma Ricoeur: “o ser se diz de múltiplos modos” (RICOEUR, CI, 1990, p. 68).

A mediação imperfeita de Ricoeur não é mais a autorreflexão do absoluto como pretendeu Hegel, pois ela pertence ao homem. E representa a saída da imediaticidade da consciência através da mediação dela mesma, através de seu próprio esforço, de sua própria reflexão, ela é, portanto, uma ação existencial.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que é a partir da mediação imperfeita que Ricoeur visa à saída da imediaticidade da consciência e, quando este se refere à consciência não como origem ou fundamento, mas como tarefa, é no sentido de que ela (a consciência) necessariamente precisa da reflexão, do seu próprio esforço, para existir. Portanto, ela é uma ação existencial e é mediada por ela mesma. E, é sempre tarefa, ou seja, enquanto ação existencial é sempre necessária e esforço próprio, autorreflexão, uma consciência que pensa a si mesma. Por isso, a mediação imperfeita para Ricoeur não ocupa todos os lugares e tampouco visa à totalização. Ela está situada em um lugar, em último sentido, na práxis humana, mais precisamente na realidade humana histórica e é mediada pela alteridade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia - dos pré-socráticos a Wittgenstein.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

STEGMÜLLER, Wolfgang. **A Filosofia Contemporânea: Introdução Crítica**. 2ª. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica.** Porto: Editora Rés, 1990.